

## O SILENCIAMENTO DO DISSENSO NAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS SOBRE A PRISÃO DE LULA

Lisiane Schuster Gobatto<sup>1</sup>

O Brasil tem presenciado o crescimento de uma linha de pensamento conservadora, reacionária e autoritária que culminou na eleição de um presidente com histórico de ataques às minorias e incitação à violência. A eleição de Jair Bolsonaro é fruto de uma contingência histórica e condições de produção bastante complexas, mas um acontecimento teve papel determinante: a prisão do ex-presidente Lula quando ele liderava as pesquisas de intenção de voto.

A prisão, no dia 7 de abril de 2018, foi alvo de exaustiva especulação midiática. Mas, de tudo o que aconteceu nas horas entre o mandado de prisão e a decisão de Lula se entregar, o que foi selecionado para se transformar em notícia? O que mobilizou os veículos jornalísticos a divulgarem determinadas informações e a silenciarem outras? É possível resistir ao sentido dominante que homogeneiza o jornalismo? São essas as questões movem este trabalho e, para tentar respondê-las, busco analisar como a prisão de Lula foi tratada pela mídia hegemônica e pela mídia alternativa no *Facebook* (rede social que tem assumido um protagonismo nas discussões políticas no ciberespaço). Para este trabalho, foram pesquisados os termos “prisão de Lula” e “discurso Lula” na data de 7 de abril de 2018 nas *fanpages* de “O Globo”, “Estadão”, “Jornalistas Livres” e “Mídia Ninja”. E assim, cheguei ao recorte de quatro *posts*, um de cada veículo. São eles:



<sup>1</sup> Doutoranda em Letras na UFRGS. Mestre em Letras pela UPF. Jornalista do IFRS. E-mail: [lisischuster@hotmail.com](mailto:lisischuster@hotmail.com)



É importante pontuar que na AD cada analista constrói o seu percurso de análise de acordo com o *corpus* de pesquisa. Conforme Orlandi, a AD analisa as marcas linguísticas como pistas: “as marcas são efeitos de caráter ideológico” (1994, p. 303). A pista que conduziu o percurso de análise neste trabalho foi a falta, o silêncio. Para Orlandi, não se trata de atribuir sentido ao silêncio, “[...] mas conhecer os processos de significação que ele põe em jogo. Conhecer os seus modos de significar” (ORLANDI, 2007, p. 50).

Sobre o discurso jornalístico, Mariani o classifica como uma modalidade de “discurso sobre”, pois o jornalista não é protagonista do objeto de sua enunciação e fala de um lugar “neutro”, de observador “[...] podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se ‘envolveu’ com a questão” (MARIANI, 1998, p. 60).

Como resultado da prática jornalística ocorre um efeito de homogeneização, isso porque o discurso jornalístico, além de disseminar práticas discursivas de exercício de poder, “[...] também atua na dissimulação dos modos como essas práticas se impõem, além de silenciar práticas divergentes ou antagônicas ao poder político dominante” (MARIANI, 1998, p. 226). É o que acontece se observarmos a coberturas de veículos da mídia hegemônica em comparação aos da mídia alternativa, especificamente sobre a prisão de Lula em 7 de abril.

Outras tomadas de posição ligadas a outros modos de se relacionar com a ideologia são excluídos do discurso jornalístico por gestos de silenciamento. Orlandi designou isso como política do silêncio, a qual “[...] se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2007, p. 73). Na política do silêncio, “[...] se diz ‘x’ para não (deixar) dizer ‘y’” (ORLANDI, 2007, p. 73). Esse efeito da política do silêncio pode ser observado ao analisar os *posts* selecionados para este trabalho.

No *post* de “O Globo” não há referência ao que ocorreu nas 26 horas em que Lula esteve no Sindicato dos Metalúrgicos. No dia 7 de abril, houve a publicação de dois vídeos, um dos apoiadores de Lula impedindo sua saída do sindicato, e outro que faz um apanhado da condenação de Lula e que inicia com as imagens de Lula saindo do sindicato para se entregar. Nas demais publicações sobre a prisão, no

mesmo dia, nenhum *post* dá ênfase às palavras de Lula no discurso. Trata-se de um silenciamento de algo que não pode e não deve ser dito na formação discursiva em que os sujeitos de “O Globo” se inscrevem, pois, como observa Orlandi, “o silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando consequentemente os limites do dizer” (ORLANDI, 2007, p. 74).

Dentre as postagens de “Estadão” na data da prisão de Lula, muito semelhantes às de “O Globo”, chama atenção a abordagem de outra perspectiva, que é a reação de um determinado grupo de pessoas ao acontecimento. O mesmo grupo que fez painéis, em bairros de classe média alta nas grandes capitais, pedindo o impeachment de Dilma. Isso não está dito no *post*, mas como Orlandi assegura, o silêncio também significa. Conforme a autora,

Esse mecanismo de não-citar produz o lugar (da falta) do dizer como lugar possível quando, na realidade, esse lugar já está realizado (cheio), caracterizando-se assim como uma forma de desconhecimento. É, pois, uma das formas ideológicas de apagamento da materialidade histórica do dizer. Nega a memória” (ORLANDI, 2007, p. 142-143).

Aqui não se trata de um silêncio constitutivo inerente a todo dizer, mas de um silêncio que apaga a liderança política de Lula, criando uma nova memória, a de Lula condenado e presidiário que passa a entrar em conflito, numa relação de forças, com as que já estão circulando no interdiscurso. Como aponta Indursky, “[...] produz-se, nas mídias tradicionais, um simulacro de consenso, que busca desfazer o efeito dissenso existente” (INDURSKY, 2017, p. 85).

No dia 7 de abril, o “Jornal Nacional” publicou no *Facebook* dois *posts* sobre o discurso de Lula no ABC: um sobre a crítica de Lula ao judiciário, e outro com a manchete “Vocês poderão queimar os pneus que vocês tanto queimam”, em referência ao discurso de Lula antes de se entregar. Orlandi põe o silêncio em relação com os implícitos. Segundo ela, “o implícito é já um subproduto desse trabalho do silêncio, um efeito particular dessa relação mais de fundo e constitutiva. O implícito é o resto visível dessa relação. É um resíduo, um epifenômeno” (ORLANDI, 2007, p. 45). Como se o “resto” que ficou do discurso de Lula foi aquele que a mídia hegemônica e seus seguidores entendem sobre os movimentos sociais, principalmente sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. E esse resto no *post* é aquele que mais significa.

A abordagem de “Mídia Ninja” e de “Jornalistas Livres” traz novos olhares para o mesmo acontecimento e expõe a falta nas coberturas dos outros veículos. O *post* de “Mídia Ninja” tem na manchete o excerto do discurso de defesa de Lula, quando ele justifica que se entregará para a justiça por acreditar nela. O título da notícia compartilhada é o trecho mais famoso do discurso: “Eu sou uma ideia e ideias não morrem”. Lula é uma figura pública que constrói seus discursos com metáforas. Em sua tese de doutorado, Andréia Daltoé (2011) pesquisou justamente as metáforas ditas pelo ex-presidente. Para a pesquisadora, o discurso de Lula é um discurso de inclusão, não porque interlocutor e enunciador ocupem os mesmos lugares, mas porque o discurso passa a significar numa mesma cena discursiva. Segundo Daltoé:

É por meio dessa inclusão que será possível observar três efeitos importantes produzidos a partir do DL (discurso de Lula): 1) o de fazer aparecer a diferença no interior da falaciosa homogeneidade do coletivo da população brasileira; 2) o de mostrar a este povo que ele está alijado do direito de aparecer e, com isto; 3) o de imprimir, neste povo, a confiança na possibilidade de mudar sua realidade e a do Brasil. (DALTOÉ, 2011, p. 207).

Em seu discurso antes de se entregar à Polícia Federal, Lula intenta justamente resgatar a confiança do povo em si mesmo, dizer que a luta e a resistência continuarão independentemente dele ter sua liberdade caçada.

Ao falar da justiça que o condenou, Lula quebra o silêncio jurídico, o que é compreendido por Orlandi como aquele “[...] em que o discurso liberal (‘todos os homens são iguais perante a lei’), produzindo o apagamento das diferenças constitutivas dos lugares distintos, reduz o interlocutor ao silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 41).

Enquanto que “Jornalistas Livres” e “Mídia Ninja” optaram por transmitir ao vivo o discurso de Lula em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC em São Bernardo do Campo (SP), horas antes de se entregar à Polícia, “O Globo” e “Estadão” fizeram transmissões ao vivo da condução do ex-presidente ao aeroporto para, em seguida, ser levado à Polícia Federal de Curitiba.

Os veículos da mídia hegemônica mobilizaram uma memória discursiva ancorada numa posição-sujeito dentro de uma formação discursiva em que o que não pode e não deve ser dito é que Lula é um grande líder político. Por isso, nesses veículos, não foi feita nenhuma referência ao discurso do ex-presidente antes de se entregar, nem às manifestações populares em seu apoio. As imagens e os vídeos escolhidos pela mídia tradicional foram de Lula distante da população, no palanque, ou em situação de coação policial. E aqui, como observa Indursky, “não estamos face ao silêncio fundador, que habita em todas as palavras; nem ao silêncio constitutivo que, para dizer, é preciso não dizer; nem, tampouco, face à censura que é determinada por uma conjuntura específica” (INDURSKY, 2015, p. 15). Não se trata mais, somente, das formas de silenciamento postuladas por Eni Orlandi. Trata-se, então, do silenciamento dos sentidos que não são dominantes, dos saberes excluídos porque se contrapõem à formação discursiva dominante. São gestos de silenciamento “que não são ditados pela censura, são definidos a partir da posição-sujeito na qual a imprensa brasileira, em sua quase totalidade, se inscreve” (INDURSKY, 2015, p. 19).

Há um jogo entre o que deve ser memorizado e o que deve ser esquecido no fazer jornalístico, criando o que Indursky (2017) chama de efeito de realidade que leva à interpretação do que se diz na mídia hegemônica como efeito de verdade. De acordo com a autora, “a cultura política da imprensa brasileira, desde sempre, funcionou sob a ideologia da classe dominante que naturaliza os sentidos e produz *efeitos de verdade* que, por sua vez projetam imaginariamente efeitos de realidade” (INDURSKY, 2017, p. 79). E é a repetibilidade que cria o efeito de verdade. Esse efeito de verdade, por sua vez, produz um efeito de memória o qual, ainda nas palavras de Indursky, é “necessário para produzir um *efeito de consenso* que se

assenta no processo que associa seletividade a silenciamento de sentidos-outros, divergentes, que poderiam gerar *dissenso*” (INDURSKY, 2017, p. 80).

O que se vê na comparação das coberturas da mídia hegemônica e alternativa é justamente o dissenso. Os veículos da mídia alternativa não entram no jogo de seletividade da mídia hegemônica para criar um efeito de verdade. Na realidade, “as mídias eletrônicas alternativas abrem espaço para diferentes tomadas de posição” (INDURSKY, 2017, p. 85).

Quando um ex-presidente encerra um discurso de 55 minutos sendo carregado pelo povo e esse acontecimento não tem menção nos veículos da mídia hegemônica, não tem transmissão ao vivo nas *fanpages* desses veículos, mas sua condução à prisão ganha transmissão ao vivo não apenas nas redes sociais, mas nos canais de televisão abertos, trata-se da ideologia em seu funcionamento. Os *posts* analisados mostram que, enquanto os veículos da mídia hegemônica servem aos interesses da ideologia dominante, do capital, os veículos da mídia alternativa trazem outros pontos de vista, colocam em cena o diferente. A mídia alternativa põe em xeque os consensos regularizados no interdiscurso pela mídia hegemônica. Por trazer o diferente, o dissenso, os veículos da mídia alternativa representam a resistência dentro do Aparelho Ideológico da Informação.

## REFERÊNCIAS

- DALTOÉ, Andréia da Silva. *As metáforas de Lula: a deriva dos sentidos na língua política*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, 2011.
- INDURSKY, Freda. Políticas do esquecimento x políticas de resgate da memória. In: FLORES, G. G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. (Orgs.). *Análise do discurso em rede: cultura e mídia*. Vol. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p. 11-28.
- INDURSKY, Freda. O momento político brasileiro e sua discursivização em diferentes espaços midiáticos. In: FLORES, G. G. B.; GALLO, S. M. L.; LAGAZZI, S.; NECKEL, N. R. M.; PFEIFFER, C. C.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (Orgs.). *Análise do discurso em rede: cultura e mídia*. vol. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 73-88.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Unicamp 1998.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. O lugar das sistematicidades linguísticas na Análise do Discurso. *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 10, n. 2, p. 295-307, 1994.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.